A Cooperação Universitária para o Desenvolvimento: o caso da Missão Humanitária da Universidade da Região de Joinville na Angola (2012)

University Cooperation for Development: the case of the Humanitarian Mission of the University of the Region of Joinville in Angola (2012)

Alice Helena Heil de Borba¹

RESUMO

A presente pesquisa é um estudo de caso sobre o Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola (2012), analisado à luz do conceito de Cooperação Universitária para o Desenvolvimento (CUD), especificamente com entidades ecumênicas. A pergunta de pesquisa é se a cooperação entre a UNIVILLE e a Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola pode ser considerada um exemplo da CUD. Para chegar ao resultado desta análise, foi escolhido o método de análise de estudo qualitativo de caso único, indicado para aumentar a compreensão do fenômeno e das questões que levam à análise do objeto. Portanto, a metodologia aplicada foi análise qualitativa da coleta de dados a partir de múltiplas fontes, todas baseadas em documentos ou observações, editais da UNIVILLE, relatos das entrevistas realizadas com os envolvidos, inclusive da autora da pesquisa. Assim, a primeira seção abordou o conceito de Cooperação Internacional. Em seguida, foi abordada a concepção de Cooperação Universitária para o Desenvolvimento. A terceira seção analisa o estudo de caso prático do projeto mencionado, confirmando que este estudo de caso único é considerado um exemplo da CUD, pois promoveu o desenvolvimento em uma região vulnerável econômica e socialmente.

Palavras-chave: cooperação; universidade; Angola;

ABSTRACT

This research is a case study of the Humanitarian Mission Project: UNIVILLE in Angola (2012), analyzed with the concept of University Cooperation for Development (CUD), specifically with ecumenical entities. The research issue is whether or not the cooperation between UNIVILLE and the Immaculate Mother of God Foundation in Angola may be considered an example of CUD. In order address this issue, the method of analysis is a qualitative study of a single case, to increase the understanding of the phenomenon and the questions that lead to this analysis. The methodology is a qualitative analysis of the collection of data from multiple sources all based on documents or observations, UNIVILLE public notice, interviews with those involved, including the author of the paper. The first section addressed the concept of International Cooperation. Next, the concept of University Cooperation for Development is discussed. Finally, the practical case study is analyzed, confirming that this case is considered an example of the CUD, because promoted the development in an economically and socially vulnerable region.

¹ É mestranda no programa de pós-graduação em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina, é Gerente de Missões, Recepções e Eventos do Governo do Estado de Santa Catarina e Secretária Geral do Fórum Nacional de Gestores Estaduais de Relações Internacionais - FÓRUM 27. Florianópolis / Santa Catarina –Brasil.

Key words: *cooperation, university, Angola;*

Introdução

A presente pesquisa é um estudo de caso sobre o Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola (2012) sob à luz do conceito de Cooperação Universitária para o Desenvolvimento (CUD), especificamente com entidades ecumênicas. Parte-se do pressuposto que a internacionalização da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e a cooperação com a Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola podem ser consideradas um exemplo da CUD.

As universidades têm se tornado relevantes no âmbito internacional, principalmente pela sua facilidade de cooperar com outros atores, por meios variados – associações, fóruns, redes, cooperação bilateral ou multilateral -, em busca de melhores práticas e desenvolvimento desde a criação das primeiras universidades. Por isso, analisar a atuação das universidades sob o olhar da CUD, por meio de um estudo de caso torna-se relevante para evidenciar a importância das universidades como atores para o desenvolvimento no sistema internacional.

A escolha o método de análise de estudo qualitativo de caso único é indicado para aumentar a compreensão de um fenômeno e das questões que levam à análise da evolução deste objeto ao longo do tempo. Nesse método, os dados são coletados a partir de múltiplas fontes todas baseadas em relatos, documentos ou observações (YIN, 2001).

Existem três aspectos gerais dos estudos de caso a serem considerados em uma pesquisa: **i)** a natureza do fenômeno; **ii)** o conhecimento que se pretende alcançar; e, **iii)** a possibilidade de generalização de estudos a partir do método do estudo de caso. Os dois primeiros estão relacionados a experiência dos envolvidos na pesquisa e objeto, para, portanto, haver base natural para o terceiro aspecto, que é o tipo de conhecimento que se pretende alcançar, ou seja, as generalizações criadas a partir do estudo de caso (YIN, 2001).

O Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola (2012) da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) foi eleito como estudo de caso por dois motivos centrais: **i)** o fato da autora desta pesquisa ter sido servidora da Assessoria Internacional da instituição, que participou desde a idealização até execução deste projeto, e **ii)** o fato da UNIVILLE em 2012 ser considerada a única instituição com *status* de universidade na

cidade de Joinville. Sendo assim, decidiu-se analisar esta ação da internacionalização da Univille e aproximá-la do campo teórico de Relações Internacionais. Portanto, analisar os processos organizacionais de aprendizado e mostrar o papel dos casos únicos na construção de interpretações compartilhadas e de conhecimento é válido para confirmar o arcabouço teórico com empiria.

Portanto, para chegar ao resultado desta análise, a metodologia aplicada foi qualitativa com a coleta de dados a partir de múltiplas fontes todas baseadas em documentos ou observações, editais da UNIVILLE, relatos das entrevistas realizadas com os envolvidos², inclusive da autora da pesquisa. A primeira seção abordará os marcos teóricos do conceito de cooperação internacional. Em seguida, a próxima seção se ocupará de apresentar o conceito da Cooperação Universitária para o Desenvolvimento (CUD), que deriva da Cooperação Internacional. Ambas são as bases teóricas para verificação da hipótese, para que na terceira seção seja analisado se estudo de caso desta pesquisa pode ser considerado um exemplo da CUD.

Portanto, a pesquisa está dividida em três seções: **i)** apresentação do conceito de Cooperação Internacional (CID) e da Cooperação Sul-Sul, **ii)** apresentação da Cooperação Universitária para o Desenvolvimento como uma das dimensões da CID, e **iii)** a UNIVILLE e sua política de internacionalização e a Fundação Imaculada Mãe de Angola. Logo, no subitem será analisado o caso prático sob a perspectiva da CUD.

1. A Cooperação Internacional

Esta primeira seção abordará os marcos teóricos do conceito de Cooperação Internacional. Em seguida, a próxima seção se ocupará de apresentar o conceito da Cooperação Universitária para o Desenvolvimento (CUD), que deriva da Cooperação Internacional. Ambas são as bases teóricas para o estudo de caso desta pesquisa.

Na década de 1980, iniciaram-se os estudos a respeito do que é cooperação. Mas até o fim do conflito bipolar, o modelo de cooperação internacional ‘tradicional’,

² Em 2015, foram entrevistados para a pesquisa a Profa Dra. Yoná Dalonso, Chefe da Assessoria Internacional, e o acadêmico selecionado para participar do projeto, Cristiano Berezoski.

conhecido e praticado pelos Estados era comumente pautado em ações diplomáticas pontuais assistencialistas e geralmente prestadas aos aliados nas guerras (KEOHANE, 1984).

Nesse ínterim, o contexto do sistema internacional, durante a Guerra Fria e após o seu fim, perpassou por diversas readequações, que deram espaço à discussão de outros temas que não somente os de segurança e soberania estatal. Além disso, o cenário suscitou a emergência de uma nova ordem do sistema internacional. Esta nova ordem implicou na reorganização do sistema e na maneira de os Estados soberanos conduzirem a política internacional (SASSEN, 2004).

Os reflexos das novas dinâmicas do sistema internacional proporcionaram o início da descentralização dos sistemas de governos estatais tradicionais. A ascensão dos países emergentes e de novos atores não-centrais ganhou intensidade (BARRETO; MARIANO, 2004). Para Sassen (2004), esse contexto configurou uma nova geografia de poder. Tais mudanças do sistema são normalmente descritas como fenômenos derivados da globalização e da interdependência (VIGEVANI, 2004).

Na década de 1955, a cooperação internacional entrou em voga como um posicionamento contrário ao que se pode chamar de neocolonialismo dos Estados Unidos e da União Soviética nos continentes asiáticos e africanos. A Conferência de Bandung, em 1955, marcou esse momento. A Conferência enfatizou a necessidade de cooperação com a África e Ásia para promover o desenvolvimento dos países do hemisfério Sul (RENZIO et. al, 2013).

Logo, em 1962, houve a realização da Conferência do Cairo, onde os Estados discutiram sobre os problemas do desenvolvimento econômico e afinaram um discurso do Movimento dos Não-Alinhados, que pressupõe a neutralidade e não associação a nenhum bloco de potências. A Conferência do Cairo fomentou a criação Conferência da ONU sobre o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), onde os países “receptores” dessa “assistência” passaram a atuar como parceiros na cooperação com os países “doadores” (RENZIO et. al, 2013).

Já na década de 1970, o Movimento dos Não Alinhados apoiou iniciativas para uma nova ordem econômica mundial em contraponto à bipolaridade do sistema internacional. Uma dessas iniciativas foi o Plano de Ação de Buenos Aires, em 1978,

elaborado no âmbito da UNCTAD, com a participação de 138 países avigorando a cooperação horizontal, que posteriormente, foi chamada de Cooperação Sul-Sul (RENZIO et. al, 2013).

Nesta perspectiva, Nisbet (1968) afirmou que a cooperação é um comportamento colaborativo direcionado a um interesse comum, com expectativas de ganhos ou recompensas. Para Nisbet (1968), existem cinco tipos de cooperação: **i)** tradicional, pautada por normas sociais, **ii)** contratual, estipulada em termos e requisitos, **iii)** direta, determinada por um objetivo e realizada por diversos atores, **iv)** espontânea, a colaboração entre os indivíduos de uma comunidade, e, **v)** a automática, pré-existente por compatibilidade de normas e aspirações (NISBET, 1968). Estes tipos de cooperação estão inseridos dentro de organizações com objetivos, normas éticas, valores morais ou religiosos etc (NISBET, 1968).

A despeito das importantes contribuições de Nisbet (1968), surge na academia a teoria do institucionalismo neoliberal, que contribuiu satisfatoriamente para a conceituação do que é cooperação neste novo contexto internacional (KEOHANE, 1984). Sobre o institucionalismo, Keohane (1984) argumentou que o sistema internacional não precisaria ser um ambiente anárquico de conflitos carregado pela pujante disputa de poder. Assim, propôs o institucionalismo como um esforço em estabelecer cooperação de maneira consciente e racional, por meio de instituições internacionais políticas, onde os Estados são agentes se relacionando com outros agentes e a estrutura (KEOHANE, 1984).

Além destas características, o institucionalismo reconhece a existência e, sobretudo, a relevância de atores não estatais nas relações de cooperação e conflito entre os Estados soberanos. Essa visão mais ampla de novos atores no sistema internacional reconheceu uma grande variedade de tais atores, como as corporações multinacionais, as ONGs e as instituições internacionais (KEOHANE & NYE, 1977).

Sob um novo olhar das relações entre os Estados, Keohane (1984) considerou que a cooperação é um produto de uma série de comportamentos estatais adaptados. Desta maneira, o comportamento dos Estados seria pautado por políticas coordenadas com objetivos comuns e ganhos mútuos entre as partes envolvidas (KEOHANE, 1984). Nessa lógica, o autor analisa a cooperação e a distingue em dois cenários: **i)** da cooperação em harmonia e a **ii)** da cooperação em discórdia. Após analisar a cooperação em ambas

situações, Keohane (1984) afirma que onde há harmonia, não há necessidade de haver cooperação; e onde há discórdia, a tendência é que racionalmente os indivíduos escolham se ajustar e cooperar (KEOHANE, 1984).

À vista disso, a cooperação passou a ter diversas facetas. Uma delas é a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID). Neste ponto, é fundamental, para os fins desse estudo, compreender o que é a CID, sua amplitude e dimensões. As dimensões da CID incluem: **i)** o modelo tradicional de cooperação entre um país doador e um receptor da assistência, a Cooperação Norte-Sul; **ii)** a Cooperação Sul-Sul (CSS), e **iii)** a Cooperação Triangular. Na dinâmica da CID, as potências emergentes se tornaram doadoras de ajuda também. Isto evidencia a amplitude da CID, pois reconhece novos atores na prática da cooperação internacional, como os governos subnacionais, as empresas, as universidades, as organizações não governamentais - ONGs e as entidades religiosas (COELIN, 2013).

Dentre as dimensões da CID, a dimensão da Cooperação Sul-Sul (CSS) será fundamental para realizar a análise deste estudo caso. Portanto, faz-se necessário informar que o conceito da CSS surgiu em 1960, ao passo que as relações de subordinação colonial eram substituídas por relações amistosas entre Estados soberanos. Nas décadas seguintes, o sistema tradicional de Cooperação Internacional Norte-Sul entrou em declínio (COELIN, 2013).

Todavia, o conceito do que é a Cooperação Sul-Sul passou a ser discutido amplamente gerando divergências entre seus atores. Neste ponto, Milner (1992) identificou que há mais concordância entre atores sobre o que não é considerado cooperação, chegando a sugerir que seria mais importante definir o que não é cooperação do que chegar a um consenso do conceito (MILNER, 1992).

Entretanto, as variadas contribuições para o conceito e a falta de consenso servem para evidenciar a pluralização de temas da agenda da Cooperação Sul-Sul. Conforme Coelin (2013), a Cooperação Sul-Sul é prática diplomática, bilateral ou multilateral, entre países amigos primordialmente na cooperação econômica comercial e em ciência e tecnologia.

Com o objetivo de identificar congruências e divergências sobre as sugestões de conceitos para a Cooperação Sul-Sul, Leite (2013) relacionou as abordagens e entre os

seus principais observadores. Destacam-se três deles, como o da Unidade Especial de Cooperação Sul-Sul/PNUD, conforme segue:

É um amplo quadro de colaboração entre os países do Sul no âmbito político, econômico, social, cultural, ambiental e técnico. Envolvendo dois ou mais países em desenvolvimento, pode ocorrer em bases bilaterais, regionais, sub-regionais ou inter-regionais. Os países em desenvolvimento compartilham conhecimento, habilidades e recursos para atingir seus objetivos de desenvolvimento através de esforços concertados. Os desenvolvimentos recentes na Cooperação Sul-Sul assumiram a forma de aumento do volume de comércio Sul-Sul, fluxos Sul-Sul de investimento estrangeiro direto, movimentos para a integração regional, transferência de tecnologia, compartilhamento de soluções e especialistas e outras formas de intercâmbio (PNUD apud. LEITE, 2013, p.42)³.

Em seguida, Leite (2013) destaca também o conceito sugerido por Bobiash (1992, p.6 apud. LEITE, 2013, p. 42):

A cooperação econômica e política entre países em desenvolvimento [...] a Cooperação Sul-Sul é um termo amplo que descreve diversos tipos de cooperação entre os países em desenvolvimento. Os mais significativos são: a cooperação entre os países em desenvolvimento nas negociações multilaterais com os países desenvolvidos; promoção do comércio Sul-Sul; o desenvolvimento de associações políticas e econômicas regionais e a prestação de assistência ao desenvolvimento (Bobiash, 1992, p. 6 apud. LEITE, 2013, p. 42)⁴.

Por fim, a conceituação sugerida por Sá e Silva (2009, p. 39 apud. LEITE, 2013, p. 42), especial para este estudo, pois é a única que menciona a atuação de universidades em cooperação:

Qualquer iniciativa de cooperação entre dois ou mais países em desenvolvimento pode ser realizada por instituições governamentais,

³[...] *a broad framework for collaboration among countries of the South in the political, economic, social, cultural, environmental and technical domains. Involving two or more developing countries, it can take place on a bilateral, regional, sub regional or interregional basis. Developing countries share knowledge, skills, expertise and resources to meet their development goals through concerted efforts. Recent developments in South-South cooperation have taken the form of increased volume of South-South trade, South-South flows of foreign direct investment, movements towards regional integration, technology transfers, sharing of solutions and experts, and other forms of exchanges* (PNUD apud., LEITE, 2013, p. 42) (tradução própria).

⁴ *Economic and political co-operation among developing countries [...] South-South co-operation is a broad term used to describe diverse types of co-operation among developing countries. The more significant are: co-operation among developing states in multilateral negotiations with the developed countries; promotion of South-South trade; the development of regional political and economic associations, and the provision of development assistance* (Bobiash, 1992, p. 6. apud. LEITE, 2013, p. 42). (tradução própria)

organizações não governamentais, universidades, profissionais independentes, estudiosos e pesquisadores (Sá e Silva, 2009, p.39 apud. LEITE, 2013, p. 42).⁵

Considerando as citações destacadas, Leite (2013) conclui que o conceito não pode ser reducionista, nem normativista, e que a interpretação do conceito da CSS deve ser muito cuidadosa. Desta feita, Leite (2013) compreende que é preciso entender a CSS como um processo de longo prazo que se origina do intercâmbio contínuo entre os países e que evolui da relação de interdependência para um nível de coordenação de políticas (LEITE, 2013, apud. ZANESCO, 2013).

Independentemente das diferentes interpretações do conceito de CSS, o consenso identificado por Leite (2013) é de que a CSS é uma modalidade da CID e que sua definição se aproxima do conceito da Assistência Oficial para o Desenvolvimento (AOD), também chamada de *Foreign Aid*. O termo *Foreign Aid* é usualmente substituído por cooperação pelos países do Sul, pois corresponde a uma relação de benefícios mútuos e maior participação e controle do país receptor dos recursos, mais adequado, portanto, ao fenômeno da cooperação no âmbito Sul-Sul (MELLO E SOUZA, 2012). Outro termo, por vezes, utilizado é Cooperação Técnica para o Desenvolvimento, cooperação práticas entre países do hemisfério Sul (LEITE, 2013).

À vista que foi apresentada a discussão sobre o conceito da CID e da CSS, é importante mencionar que, no campo das teorias de relações internacionais, existem diferentes óticas a respeito da CID ou da “assistência”. Os realistas se dividem em dois grupos: **i)** aqueles que consideram essa prática como um desperdício de recursos domésticos que não gera benefícios, e **ii)** aqueles que acreditam que a “assistência” serve para atingir os interesses nacionais pela execução do *soft-power* (LANCASTER, 2007). A teoria do sistema mundo, numa vertente pessimista, considera que a “assistência” é meramente uma plataforma para elites econômicas e políticas conseguirem se beneficiar dos países periféricos (LANCASTER, 2007). Já os liberalistas, que são entusiastas do institucionalismo, afirmam que os Estados se beneficiam através destas redes cooperativas de “assistência” dentro dos regimes internacionais. E, os construtivistas, que

⁵ Any cooperative initiative between two or more developing countries; it may be carried out by governmental institutions, non-governmental organizations, universities, independent professionals, scholars, and researches (Sá e Silva, 2009, p. 39 apud. LEITE, 2013, p.42) (tradução própria)

argumentam que o sistema internacional é construído socialmente por ideias, identidades e interesses, entendem que a “assistência” é uma construção adequada do comportamento cooperativo dos Estados (LANCASTER, 2007).

Independente da lente pela qual se observa a cooperação, a CID e a CSS, pode-se afirmar que estas são relações políticas entre os Estados e os novos atores, que ganharam cada vez mais espaço no cenário internacional. Conforme já foi mencionado, os atores envolvidos incluem entes não governamentais - ONGs, fundações, entidades religiosas e ecumênicas, organizações de caridades, universidades e associações da sociedade civil (LANCASTER, 2007).

Esta primeira seção abordou os marcos teóricos do conceito de cooperação internacional, apresentando suas dimensões com a Cooperação Sul-Sul. A próxima seção, se ocupará de apresentar o conceito da Cooperação Universitária para o Desenvolvimento (CUD), que deriva da CID. A CID e a CUD são as bases teóricas para o estudo de caso desta pesquisa.

2. Cooperação Internacional Universitária para o Desenvolvimento

Esta seção abordará a Cooperação Internacional Universitária para o Desenvolvimento (CUD). Após terem sido aclarados os conceitos de cooperação internacional e da cooperação para o desenvolvimento (*foreign aid*), também chamada de Cooperação Sul-Sul, será fundamental abordar a CUD e seus desdobramentos para analisar o objeto deste estudo de caso na terceira seção.

Primeiramente é importante fazer uma análise de que, apesar de as universidades serem consideradas parte do grupo de novos atores advindos da reformulação do sistema internacional, elas já eram universais desde a sua criação (LAUS, 2012). Desde a Idade Média, as universidades atuam internacionalmente, a exemplo das escolas europeias em Paris, Bologna e Oxford, chamadas de ‘*universitas*’, ou seja, universais, que eram compostas por profissionais e estudantes de diferentes localidades. O objetivo era criar conhecimento com uma comunidade internacionalizada (LAUS, 2012).

Apesar do pioneirismo das *universitas*, as universidades ganharam força após a queda do Império Romano. Logo, nos séculos XII e XIII, se estabeleceram universidades na Europa, como por exemplo, a Universidade de Salamanca (1218), na Espanha, Universidade de Teologia de Paris, Universidade de Direito em Orléans e Bologna, e Universidade de Medicina em Salerno (LAUS, 2012).

No período renascentista, estimulou-se muito o intercâmbio acadêmico entre as universidades de Florença, Cambridge e Basel. Durante a Revolução Industrial, a China e o Japão também iniciaram intercâmbio universitário na área de pesquisa. Após a Segunda Guerra Mundial, a França e Alemanha iniciaram movimentos de programas governamentais para intercâmbio cultural com objetivo de reconstruir os países no pós-guerra (LAUS, 2012). Sem dúvidas, a atuação internacionalizada das universidades no hemisfério Norte não é uma novidade do mundo globalizado, mas, de fato, ganhou impulso com este contexto (LAUS, 2012).

Nos países do hemisfério Sul, toda a classe dirigente foi formada na Europa. No Brasil, as primeiras faculdades técnicas foram criadas pelo príncipe regente D. João VI logo após sua chegada ao Brasil em 1808, por exemplo a Faculdade de Cirurgia de Salvador, na Bahia, e a Academia de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Em decorrência, em 1827, foram criadas as Faculdades de Direito de São Paulo, e de Olinda, em Pernambuco (LAUS, 2012).

A primeira universidade brasileira foi a Universidade do Paraná, fundada oficialmente em 19 de dezembro de 1912. Em seguida, houve a fundação da Universidade de Manaus, em 13 de julho de 1913. (UFPR, 2017). Outra instituição foi a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920; doravante rebatizada de Universidade do Brasil (UB), em 1937, (LAUS, 2012).

Se comparado aos países do hemisfério Norte, as universidades chegaram ao Brasil tardiamente, e, por isto, o contexto do mundo globalizado tem significativa importância para a internacionalização das instituições de ensino superior⁶. Além disso,

⁶ O fomento a cooperação no âmbito acadêmico foi estimulado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), do Ministério de Relações Exteriores. O objetivo inicial era promover interesses nacional e a integração dos grupos de pesquisa (LAUS, 2012).

proporcionou condições para que as atividades internacionais deixassem de ser desenvolvidas sob a perspectiva receptora (ZANESCO,2013).

É neste gancho que a Cooperação Internacional Universitária para o Desenvolvimento (CUD) surge no âmbito da Cooperação Internacional Acadêmica e o sistema internacional (ZANESCO; SALOMÓN, 2013). A CUD ocorre quando cooperação universitária internacional é direcionada para o desenvolvimento de alguma localidade estrangeira com alguma instituição parceira no exterior (ZANESCO, 2013).

A Cooperação Universitária para o Desenvolvimento é entendida por Zanesco e Salomón (2013) como uma das dimensões da CID, protagonizada pelas universidades, da seguinte maneira:

Ela compreende todas as atividades (ensino, pesquisa, extensão, assessoria técnica) realizadas por uma **comunidade universitária** [grifo nosso] dada que possam contribuir ao desenvolvimento de países terceiros, especialmente aqueles considerados 'países mais desfavorecidos' desde a óptica das relações Norte-Sul (ZANESCO e SALOMÓN, 2013, p.112).

Em tempo, pode-se dizer que as universidades se tornaram atores do modelo de cooperação da CUD, mas é importante atentar que a CUD perpassa o processo de internacionalização das universidades e da produção de ciência e tecnologia nos países, que tem diversos processos e motivações. A internacionalização da instituição acadêmica, geralmente, promove o intercâmbio de docentes e discentes, projetos de pesquisa colaborativos entre universidades de diferentes países e cooperação técnica nas diversas áreas do conhecimento (ZANESCO,2013). .

Além desses processos, a internacionalização universitária evoluiu para uma prática de benefícios concentrados no interesse de melhoria da qualidade da instituição e da inserção institucional no mundo acadêmico no exterior. Por isto, no entendimento de Laus (2012), a cooperação internacional universitária é:

[...] o amplo processo de internacionalização da educação superior, do qual a internacionalização das universidades decorre, poderia ser entendido como um dos mecanismos da chamada globalização, na medida em que é seu agente e seu próprio produto (LAUS, 2012, p 80).

A despeito do conceito de internacionalização universitária, a CUD, de modo geral, utiliza-se dos recursos e potencialidades das universidades para promover o desenvolvimento humano sustentável em prol da transformação social nos países menos favorecidos receptores de ajuda internacional (ZANESCO,2013).

A CUD é desenvolvida em parceria com uma ampla variedade de organismos internacionais, governos e instituições públicas, ONGs, empresas, [entidades religiosas], entidades da sociedade civil e a academia dos países doadores e receptores de assistência. O setor privado é o mais ativo na cooperação financiando de projetos sociais, devido a necessidade de atuar com responsabilidade social e para atender aos interesses próprios (SOLOMÓN *apud* ZANESCO, 2013). Por isto, suas motivações são variadas, desde a função social e solidária até os interesses institucionais e pessoais da comunidade acadêmica (ZANESCO,2013).

A CUD ainda pode ser executada pelo tripé do ensino, pesquisa e extensão:

- i)** atividades de pesquisa sobre desenvolvimento e cooperação internacional;
- ii)** programas de formação docente;
- iii)** programas de estágio em projetos de cooperação para o desenvolvimento;
- iv)** atividades voltadas para o apoio e fortalecimento de outras universidades;
- v)** programas de cooperação e assistência técnica em países em desenvolvimento; e
- vi)** atividades de sensibilização e promoção do voluntariado internacional (ZANESCO, 2013).

Por fim, quando se trata de Cooperação Universitária para o Desenvolvimento e a gama de atores com os quais ela pode ser executada, destacaremos a cooperação universitária com entidades religiosas, também chamadas de ecumênicas, a fim de aclarar todos os marcos teóricos que servirão de apoio para o entendimento do estudo de caso.

Para Worthington (2011) essa prática se assemelha à assistência privada para o desenvolvimento, a *private development aid* (PDA). Em contraste com a assistência oficial dos governos doadores, é entendida como assistência internacional proporcionada por entidades filantrópicas privadas, que não passa pelo governo central. A PDA é a forma de cooperação típica de ONGs, universidades, grupos da sociedade e entidades ecumênicas para a comunidade local (WORTHINGTON, 2011). A CID uniu o vetor de desenvolvimento que é a universidade a países vulneráveis, por meio de ações humanitárias e projetos sociais na CUD (MATAIX; SÁCHES, 2006).

Em relação a cooperação voltada para as ações humanitárias, os envolvidos podem atuar de diversas maneiras como **i)** assessoria técnica; **ii)** desenvolvimento de pesquisa aplicada; **iii)** com a formação de quadros técnicos, **iv)** com financiamento de projetos; **f)** mobilidade de professores e pesquisadores, entre muitas outras formas (MATAIX; SÁCHES, 2006).

Em suma, esta seção abordou a Cooperação Internacional Universitária para o Desenvolvimento (CUD) e seus desdobramentos. Também foi apresentada a interseção da CUD com a cooperação universitária internacional e, especificamente, a relação da CUD com entidades ecumênicas, aclaradas com o conceito de assistência privada para o desenvolvimento. Esses pontos eram importantes de ser apresentados, pois a próxima seção analisará o objeto desta pesquisa: o caso da Missão Humanitária da Universidade da Região de Joinville na Angola (2012).

3. A Universidade da Região de Joinville e a Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola

Esta seção apresentará a internacionalização da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e a Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola. Está dividida em um subitem que analisará o Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola (2012), que pode ser considerado um exemplo da CUD.

Para chegar aos resultados dessa análise, primeiramente, será apresentada a UNIVILLE e sua política de internacionalização e a cooperação com a Fundação Imaculada Mãe de Angola. Logo, no subitem, será analisado o caso prático sob a perspectiva da CUD.

Na seção anterior foi abordado brevemente o surgimento das primeiras universidades no Brasil por volta de 1900. Entretanto, a institucionalização de departamentos específicos para tratar dos assuntos internacionais das universidades somente começou em 1978⁷ (LAUS, 2012). Desde então, muitas universidades

⁷ Uma década depois, em 1988, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras criou o Fórum das Assessorias Universitárias Brasileiras para Assuntos Internacionais – FAUBAI (LAUS, 2012).

desenvolveram Políticas de Internacionalização (PI) com o objetivo de aumentar a qualidade do ensino acadêmico (LAUS, 2012).

A Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) é uma universidade comunitária⁸ que foi fundada em 1965 na cidade de Joinville, no estado de Santa Catarina. A UNIVILLE faz parte da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE), que congrega a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e todas as demais universidades comunitárias. Estas universidades também encontraram na cooperação internacional uma maneira de aperfeiçoar o ensino superior.

Nesta perspectiva, em 1993, foi criada a Assessoria de Relações Nacionais e Internacionais (ARNI), vinculada diretamente ao gabinete da Reitoria da UNIVILLE (Portaria 08/93). A criação da ARNI corresponde as mudanças do cenário internacional na década de 1990. Por isto, no começo, a ARNI tinha o objetivo de projetar a cooperação nacional e internacional da instituição. Fomentar a mudança organizacional, a inovação curricular, o desenvolvimento profissional da comunidade acadêmica e administrativa é uma das maneiras mais profundas de buscar a excelência do ensino (RUDZKI, 1998).

Desde então, a UNIVILLE tem estabelecido acordos de cooperação com instituições estrangeiras nas áreas de ensino médio, *lato sensu* e *stricto sensu*. Algumas cooperações também são voltadas para a capacitação de seus servidores técnicos (DALONSO, 2015). Apesar de muitas universidades terem instituído políticas de internacionalização, a UNIVILLE não formulou as diretrizes de internacionalização da ARNI até a década de 2000 (DALONSO, 2015).

Todavia, o desempenho da ARNI gerou demandas que extrapolaram a capacidade da equipe em gerenciar todos os processos de projeção nacional e internacional, por isto, sentiu-se a necessidade de desvincular a área internacional e a nacional. Então, em 2010, a ARNI foi transformada em Assessoria Internacional (AI), e as demandas nacionais foram direcionadas a outro departamento da Universidade (DALONSO, 2015).

⁸ As universidades comunitárias são reconhecidas pelas comunidades regionais como um importante fator para o desenvolvimento. Tem por características serem organizações criadas pela sociedade civil e pelo poder público local, sem fins lucrativos, públicas não-estatais, de gestão democrática e participativa para a inclusão social e o desenvolvimento do país, pois reinvestem seus resultados na própria atividade educacional para o desenvolvimento das comunidades e não para o interesse pessoal ou particular/privado (ACAFE, 2017)

Esta mudança organizacional também foi resultado da gestão da Profa. Dra. Yoná Dalonso, chefe da antiga ARNI. O novo departamento permaneceu vinculado ao gabinete da Reitoria e era composto por dois técnicos administrativos. Durante esta gestão (2009-2014) foi disseminada a conscientização dos benefícios da cooperação internacional na comunidade acadêmica.

Com a criação da Assessoria Internacional, também foi aprovada a Política de Internacionalização (PI)⁹ da UNIVILLE. A PI estabelece que a universidade buscará promover a troca de experiências com instituições estrangeiras; os intercâmbios, e intensificar a interação da Universidade com entidades públicas, privadas e agências de financiamento. E, principalmente, fortalecer-se como referência regional nas articulações internacionais acadêmicas na pesquisa e no ensino, e nas ações sociais com a extensão universitária (UNIVILLE, 2014).

A AI articulou-se com diversos atores da sociedade joinvilense, como empresas públicas e privadas, as organizações e movimentos sociais e estudantis, outros atores da sociedade civil e autoridades municipais com o objetivo de exercer a extensão universitária internacionalizada. Foi por meio de uma destas interações que a relação de cooperação da UNIVILLE com a Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola (FIMDA) foi iniciada (DALONSO, 2015).

Em 2011, a AI atendeu à solicitação de reunião do Sr. Roberto Pascoal, um ‘empreendedor social’ do Projeto Bola da Paz e outras iniciativas voltadas para o desenvolvimento da sociedade africana. O objetivo da reunião era divulgar o projeto Bola da Paz para reunir voluntários dispostos a tornarem-se catalisadores da educação como ferramenta de transformação para crianças que vivem em regiões vulneráveis na África. E foi assim que a UNIVILLE tomou conhecimento da Fundação Imaculada Mãe de Angola e das missões humanitárias franciscanas naquela região (DALONSO, 2015).

A Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola está localizada em Luanda, capital de Angola, mas suas ações abrangem todo aquele país. É importante lembrar que, no período colonial, o continente africano foi marcado pela disputa entre portugueses e holandeses que culminou na diminuição população, na degradação de recursos, na

⁹ A Política de Internacionalização (PI) da UNIVILLE, discutida desde 2009, foi somente aprovada pelo Conselho Universitário em 2014.

deestruturação cultural africana. Somente no pós-guerra dos colonizadores houve a abolição do comércio de escravos e a estrutura econômica, social e tendências humanitárias ganharam visibilidade (GOVERNO PROVINCIAL DE LUANDA, 2017).

A cidade de Luanda, sendo capital, sugere um maior nível de desenvolvimento, mas ela é uma contradição a essa suposição. As guerras civis do processo independentista iniciadas em 1960 somente se encerraram em 2002. Por isto, o desenvolvimento social e econômico dos mais de 8 milhões de habitantes distribuídos em municípios vizinhos e seis distritos urbanos de Luanda variou entre a prosperidade e a estagnação (GOVERNO PROVINCIAL DE LUANDA, 2017).

Na década de 1990, a preocupação do Papa João Paulo II com a África despertou a Ordem Franciscana da Província da Imaculada Conceição do Brasil a enviar missionários a Angola. O líder da missão, Frei Plínio, relatou as dificuldades da missão durante a guerra civil em Kibala. Após muitos atentados em Kibala, a missão foi transferida para Luanda. Ao final da década, a missão franciscana se tornou a Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola (FUNDAÇÃO IMACULADA MÃE DE DEUS EM ANGOLA, 2017). O próximo subitem se ocupará de analisar se o Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola (2012) pode ser considerado um exemplo da Cooperação Universitária para o Desenvolvimento.

3.1 O Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola

Esta pesquisa tem como pergunta de partida se o Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola pode ser considerado um exemplo da Cooperação Universitária para o Desenvolvimento. Partiu-se do suposto que sim. Após terem sido aclarados os conceitos de CID, CSS e CUD, este subitem está reservado para apresentar o estudo de caso e comprovar a hipótese.

O Projeto Missão humanitária UNIVILLE na Angola foi elaborado após uma missão internacional realizada à Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola. A Coordenadora do Curso de Gastronomia, Profa. Dra. Mariana Duprat, e o Coordenador do Curso de Educação Física, Prof. Dr. Jorge Cortes Morales, visitaram a Fundação no início do ano de 2012 (DALONSO, 2015).

Nesta missão, os professores identificam a possibilidade de realizar duas cooperações nas suas respectivas áreas de ensino. Após o retorno, foram estabelecidos dois projetos. Um projeto seria desenvolvido com curso de extensão ‘Sabor de Sobra’, onde a comunidade participa de aulas práticas para reutilizar sobras de alimentos de maneira saudável e sustentável. Todavia, este projeto não teve seguimento por determinação da própria Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola. Os dirigentes tinham a incerteza de que os participantes enviados para estudar na UNIVILLE pudessem não retornar e permanecer ilegais no Brasil (DALONSO, 2015).

O outro foi o ‘Projeto Missão Humanitária UNIVILLE na Angola’. Este foi estruturado para realizar a capacitação técnica de 12 a 14 professores. O plano de trabalho foi dividido em dois seguimentos: **i)** a recreação e lazer na escola e **ii)** a capacitação técnica em modalidades esportivas (BEREZOSKI, 2015).

As disciplinas ensinadas foram: **i)** brincadeiras recreativas na escola, **ii)** Mini-atletismo – uma proposta pedagógica para condicionar brincando, **iii)** Basquetebol – os jogos através da compreensão, **iv)** Handebol – brincadeiras e o espaço da criança em quadra, **v)** Futebol – jogos para aquecimentos e práticas vivenciadas, **vi)** Como elaborar um plano de aula para Educação Física, **vii)** Protocolo de avaliação física para Atletas, e **viii)** Avaliação física escolar (BEREZOSKI, 2015).

Após a estruturação do projeto, a Assessoria Internacional e o Departamento de Educação Física lançaram o Edital n. 05/12, regido pelas normas da Resolução nº 1509, para escolher os participantes. Os requisitos do edital buscavam alunos com excelência acadêmica e professores engajados com os trabalhos voluntários. Após a análise dos currículos, foram realizadas entrevistas para verificar se os participantes estavam comprometidos com esta experiência. Os selecionados foram o Prof. Dr. Luiz Henrique Rodrigues e o acadêmico Cristiano Berezoski (DALONSO, 2015).

No Brasil, a Assessoria Internacional, juntamente com o Consulado Geral de Angola no Brasil, a Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), orientou o processo de preparação dos participantes. Em Angola, a Fundação ficou responsável pelas acomodações e transportes do Prof. e do aluno (BEREZOSKI, 2015).

O recurso para a realização do projeto – gastos com passagens, vistos, materiais – foi disponibilizado pela UNIVILLE, através do orçamento anual da Assessoria Internacional. Em Angola, a FIMDA ficou encarregada de proporcionar o alojamento, alimentação e transporte durante todo o período. Infelizmente, não foram conseguidos patrocínios de instituições privadas, apesar dos esforços da UNIVILLE e da FIMDA (DALONSO, 2015).

A execução do projeto foi do dia 03 a 23 de julho de 2012. O público alvo eram professores das escolas da Missão Católica e da rede de ensino de Angola sem formação acadêmica em Educação Física, mas que eram atuantes na rede escolar, e técnicos de modalidades esportivas da comunidade também sem formação acadêmica.

Do dia 05 ao dia 15 de julho o projeto foi executado em Luanda. Após isso, os padres da Fundação solicitaram que os participantes também ministrassem o curso de capacitação em Malanje, município do interior de Angola localizado a 375 km de Luanda. As capacitações com aulas expositivas foram realizadas nas escolas da missão franciscana e nos seminários, no período de manhã e tarde (BEREZOSKI, 2015).

Os pontos negativos foram inerentes à condição do país, à falta de infraestrutura generalizada e ao risco de contrair doenças infectocontagiosas. Já os positivos foram o apoio da FIMDA para recepção dos voluntários, com transporte, recursos tecnológicos, e apoio da UNVILLLE (BEREZOSKI, 2015).

O Projeto previa realizar a capacitação de cerca de 12 a 14 professores, inicialmente, podendo chegar a 20 professores. Todavia, a quantidade de professores aumentou significativamente pela divulgação das escolas e pelo Seminário Franciscano. Ao final do projeto foram capacitados 220 professores, e todos ganharam certificado de conclusão de curso de extensão, que, em Angola, é o equivalente a um curso de nível técnico (DALONSO, 2015).

Os resultados obtidos através deste projeto foram além do objetivo de capacitar pessoas para se posicionarem melhor no mercado de trabalho educacional. Foi proporcionado uma mudança da realidade de vida de crianças e adolescentes através da prática da educação física. Espera-se que seja ministrado pelos capacitados num movimento multiplicador de desenvolvimento (DALONSO, 2015).

Em suma, o impacto foi imediato para aqueles que participaram, abrindo novos horizontes didáticos e pedagógicos para trabalhar a educação física. A longo prazo, essas informações adquiridas na teoria e prática serão repassadas pelos professores aos alunos, melhorando suas percepções e mostrando que a Educação Física Escolar vai muito além do que o esporte, pois:

É um povo que quer aprender como se faz. Não é por caridade, mas para elevar e igualar o nível desses povos que são nossos pares. A Missão Humanitária em Angola, com cooperação da Univille e da Fundação Imaculada Mãe de Angola, permitiu às pessoas mais do que ter esperança, ter certeza de um caminho para a reconstrução depois de anos de conflito. Esse caminho tem nome, e se chama educação (BEREZOSKI, 2015).

Portanto, o Projeto realizado evidenciou que a hipótese desta pesquisa estava correta: o caso apresentado pode ser considerado um exemplo da CUD. A medida que os gestores interessados nestes processos compreendam o papel estratégico das universidades na CID e na CUD, será possível desempenhar e criar mais condições para que continuem atuando na esfera internacional, desde que haja conscientização e proatividade das autoridades envolvidas, e, assim, impulsionar a cooperação para o desenvolvimento nas mais variadas esferas.

Considerações Finais

A presente pesquisa realizou um estudo qualitativo de caso único sobre o Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola (2012) sob à luz do conceito de Cooperação Universitária para o Desenvolvimento (CUD), especificamente com entidades ecumênicas. Partiu-se do pressuposto de que a internacionalização da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e a cooperação com a Fundação Imaculada Mãe de Deus em Angola, poderia ser considerada um exemplo da CUD.

A primeira seção abordou os marcos teóricos do conceito de Cooperação Internacional e da Cooperação Sul-Sul. Em seguida, a próxima seção se ocupou de apresentar o conceito da Cooperação Universitária para o Desenvolvimento (CUD), que deriva da Cooperação Internacional. Na terceira seção foi analisado se estudo de caso sugerido nesta pesquisa poderia ser considerado ou não um exemplo da CUD. Esta hipótese foi confirmada, pois o caso promoveu o desenvolvimento em uma região econômica e socialmente vulnerável.

Portanto, a pesquisa foi dividida em três seções: **i)** apresentação do conceito de Cooperação Internacional (CID) e da Cooperação Sul-Sul, **ii)** apresentação da Cooperação Universitária para o Desenvolvimento como uma das dimensões da CID, e **iii)** a UNIVILLE e a Fundação Imaculada Mãe de Angola, e foi analisado o caso prático sob a perspectiva da CUD.

Os resultados da análise da realização do Projeto Missão Humanitária: UNIVILLE na Angola (2012) da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), eleito como estudo de caso, possibilitaram identificar e contextualizar a atuação da UNIVILLE dentro dos marcos teóricos da CID e da CUD. O projeto comprova a hipótese pois teve a atuação da UNIVILLE como doadora de ‘assistência’ na cooperação, com objetivo levar o desenvolvimento técnico à comunidade vulnerável (receptora) de Luanda e Malange, na Angola.

Apesar dos resultados positivos da realização do projeto e da comprovação da hipótese, é necessário ressaltar que ainda é preciso aprofundar os estudos a respeito da CUD. Empiricamente as motivações e modalidades nos casos práticos são difusos e abstratos. Sem dúvidas, há muito ainda para ser analisado, para que a CUD seja fomentada e ganhe espaço nas Relações Internacionais, disseminando boas-praticas e contribuindo para o desenvolvimento social das comunidades.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Samira S. Fronteiras da ciência: desafios para a cooperação sul-sul. In: **Relatórios dos ciclos de debate sobre bioética, diplomacia e saúde pública**. Núcleo de estudos sobre bioética e diplomacia em saúde. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília, 2013. Disponível em: <www.bioeticaediplomacia.org> Acesso em 09 Jan 2016.
- BARRETO, Maria Inês; MARIANO, Marcelo Passini. Questão Subnacional e Integração Regional: O caso do Mercosul. In: VIGEVANI, Tullo (org. et. al.) **A dimensão subnacional e as relações internacionais**. São Paulo: EDUC, 2004.
- BEREZOSKI, Cristiano. **Entrevista I**. [dez. 2015]. Entrevistadora: Alice Helena Heil de Borba. Florianópolis, 2015.
- COELIN, Saulo Arantes. O Brasil na CPLP: Uma modalidade de cooperação Sul-Sul. In: **A participação brasileira na CPLP**. Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores. 2013. Disponível em < dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/temas-brasileiros-1/portugues/a-participacao-brasileira-na-cplp-1/?searchterm=cplp> . Acesso: 15 Jan 2016.

DALONSO, Yoná da Silva. **Entrevista II**. [jan. 2016]. Entrevistadora: Alice Helena Heil de Borba. Florianópolis, 2015.

FUNDAÇÃO IMACULADA MÃE DE DEUS EM ANGOLA. Começa o capítulo da imaculada mãe de deus em angola. Disponível em:< www.franciscanos.org.br. Acesso em 10 Jan 2016.

GOVERNO PROVINCIAL DE LUANDA. **Cultura** Disponível em:< <http://www.luanda.gov.ao/InformacoesProvinciais.aspx?tipo=Cultura>>. Acesso em: 16 Jan 2017.

KEOHANE, Robert O. **After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy**. Princeton: Princeton University Press, 1984.

LANCASTER, Carol. **Foreign aid: diplomacy, development, domestic politics**. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

LAUS, Sonia Pereira. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, 2012.

LEITE, Iara. **O envolvimento da Embrapa e do Senai na Cooperação Sul-Sul: da indução à busca pela retroalimentação**. 2013. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MANCUSO, Eduardo. O futuro das redes de cidades. In: RODRIGUES, Gilberto M.A. (org. et. al.) **Cidades em relações internacionais análises e experiências brasileiras**. São Paulo: Desatino, 2009.

MATAIX, Carlos; SÁCHES, Eduardo. Oportunidades para la colaboración entre ONGD y universidades In: ARIAS, Silvia (org) et. al. **Universidad y Coordinación al Desarrollo Cuadernos Solidarios** nº1. Espanha: R.B Servicios Editoriales, S.A., 2006.

MELLO E SOUZA, André. A cooperação para o desenvolvimento Sul-Sul os casos do Brasil, da Índia e da China. In: DANE, Felix (org) et al. **Cadernos Adenauer** XIII nº2, 2012: Potências emergentes e desafios globais. Fundação Konrad Adenauer, Rio de Janeiro, 2012.

MILNER, Helen. Review: International Theories of Cooperation among Nations: strenghts and weaknesses. **World Politics**, Baltimore, v.44, n.3, abr. 1992.

NISBET, Robert A. Cooperation. In: SILLS, David L. (Ed.). **International encyclopedia of the social sciences**. Nova York: MacMillan, 1968.

RENZIO, Paolo. GOMES, Geovana Zoccal; FONSECA, João M. E.M., NIV, Amir. O Brasil e a Cooperação Sul-Sul: Como Responder aos Desafios Correntes. In: **BRICS Policy Brief**. Brics Policy Center Centro de Estudos e Pesquisas - BRICS. Núcleo de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, Maio 2013. Disponível em: <bricspolicycenter.org>. Acesso em 15 Jan 2017.

RUDZKI, Romuald Edward John. **The strategic management of intern ationalization - towards a model of theoiy and practice**. Tese (doutorado) – New Castle University, 1998.

- SASSEN, Saskia. El Estado y la nueva geografía del poder. In: VIGEVANI, Tullo (org.) et. al. **A dimensão subnacional e as relações internacionais**. São Paulo: EDUC, 2004.
- UNIVILLE. Assessoria Internacional. **Política de Internacionalização da Univille**. Rev. 01/2014. Joinville, 2014. Disponível em < <http://www.univille.edu.br> > Acesso em 10 Jan. 2017.
- UNIVILLE. Assessoria Internacional. **Editais Internacionais 05/12**. Joinville: 18 de abril de 2012. Disponível em < <http://www.univille.edu.br> > Acesso em 12 Jan. 2016.
- UNIVILLE. **Institucional**. Joinville, 2017. Disponível em < <http://www.univille.edu.br> > Acesso em 08 Jan. 2017.
- VIGEVANI, Tullo. Apresentação. In: VIGEVANI, Tullo (org.) et. al. **A dimensão subnacional e as relações internacionais**. São Paulo: EDUC, 2004.
- WORTHINGTON, Samuel A.; PIPA, Tony. Private development assistance: the importance of international NGOs and foundations in a new aid architecture. In: KHARAS, Homi; MAKINO, Koji; JUNG, Woojin (Eds.). **Catalyzing development: a new vision for aid**. Washington: Brookings Institution Press, 2011.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ZANESCO, Karlla. **As Universidades como novos atores da cooperação internacional para o desenvolvimento: o caso do Brasil**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- ZANESCO, Karlla; SALOMÓN, Mónica. A cooperação universitária para o desenvolvimento: mais que um rótulo. **Carta Internacional**, v. 8, n. 1, jan-jun, 2013.